

## LAZER FORA DE CASA: O CINEMA COMO EQUIPAMENTO MÁGICO DO URBANO

**Recebido em:** 16/02/2007

**Aceito em:** 06/03/2007

*Débora de Paula Falco*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com usuários do cinema como forma de lazer. As análises dos conteúdos dos relatos estão aliadas à teoria de diversos estudiosos do lazer, evidenciando importantes vertentes desta prática na vida humana. Assim, o cinema é observado como uma forma privilegiada de lazer fora de casa, que permite ao indivíduo desenvolver uma multiplicidade de novos olhares. Nesse sentido as abordagens, guiadas pela percepção dos entrevistados, contemplam aspectos do urbano, do convívio social, da responsabilidade da atuação profissional no lazer, além do aspecto mágico que permeia toda experiência do lazer no cinema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer fora de casa. Cinema.

### OUTDOOR LEISURE: THE MOVIES LIKE AN URBAN MAGIC EQUIPMENT

**ABSTRACT:** This article intends to show the results of a qualitative research conducted with people who chooses going to the movies as a leisure option. The captioned opinions are here explained by using authorized theories, demonstrating important aspects of this habit in human life. The movies are seen as a privileged outdoor entertainment that allows the man to develop new ways of looking. Our approach, guided by the interviewed persons perception, reveals the urban, the social and the professionals' responsibility aspects about the leisure, besides the magical feeling we experiment in the movies.

**KEYWORDS:** Outdoors Leisure. Movies.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo/ Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Artes, Cultura Visual e Comunicação/ Universidade Federal de Juiz de Fora.

## **Introdução**

Neste artigo apresento o resultado de entrevistas realizadas com os freqüentadores do cinema Espaço Unibanco Palace, na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. O cenário escolhido para tal análise foi um cinema revitalizado, localizado em uma rua central da cidade, fator que o difere dos cinemas inseridos em *shopping centers*.

Sendo assim, este estudo procura combinar as respostas obtidas dos entrevistados e minhas próprias observações, apreendidas durante a fase de execução da pesquisa, com referências teóricas que elucidaram nossa tarefa de compreender os aspectos mencionados pelos entrevistados. Assim, procurei trazer para o debate a questão do cinema como forma de lazer na percepção daqueles que o utilizam com este propósito. Sendo, desta forma, possível verificar nos relatos as características e as funções do lazer ativadas pela prática do cinema. As entrevistas foram utilizadas como método para realização de uma pesquisa qualitativa e contou com um universo de quinze entrevistados, sendo os depoimentos de dez deles assinalados neste estudo.

Proponho que ingressemos, junto com os entrevistados, no mundo mágico do cinema tendo em vista o próprio olhar que estes lançam sobre a atividade. Creio que o diálogo entre a opinião dos usuários do cinema e as teorias do lazer trarão esclarecimentos a todos aqueles que buscam compreender um pouco mais do lazer na vida humana.

## **O Cinema como Forma de Lazer no Espaço Urbano**

A maior parte do tempo livre das pessoas é vivido dentro de casa. É no ambiente doméstico que se desenvolve grande parte das atividades de lazer, através do rádio, da televisão, ou da leitura de jornais e revistas. Segundo Camargo (2001) o lar seria um equipamento não-específico de lazer, visto que não é um espaço construído com esta função, mas que também pode cumpri-la.

Diante deste fato, o autor atenta para necessidade do contraponto, lazer- externo, ou seja, o lazer fora de casa. Esta seria, uma forma de manter a dinâmica cultural da vida, através de novas formas de interação e aprendizagem. Creio que assim as pessoas vão renovando e ampliando a sua forma de ser e estar no mundo. Camargo observa que essa parcela do tempo de lazer fora de casa é “ocupada com uma multiplicidade de gestos de deslocamento no cotidiano da cidade resumíveis ao interesse de desfrutar da própria cidade” (2002, p.44).

Quando o autor aborda o lazer vivido no espaço urbano como uma forma de desfrutar da cidade, podemos destacar alguns momentos em que isso ocorre: durante o deslocamento do indivíduo, na utilização dos equipamentos de lazer de que a cidade dispõe, e no trajeto de volta para casa. Essa situação pode ser visualizada no passeio que se faz até o cinema. Conforme Camargo (1992), o cinema é um equipamento específico de lazer e enquadra-se no segmento de animação cultural urbana.

Nesse momento, o indivíduo usufruindo seu tempo livre, tem a possibilidade de flânar pelas ruas de sua cidade, contemplando a beleza da paisagem urbana, muitas vezes desprezada na correria diária. Gosto muito da definição de João do Rio, para quem “flânar é a distinção de perambular com inteligência” (1995, p.5). O sentido dado ao *flâneur* presente na obra deste autor e de Benjamin é daquele que anda observando a rua para seu próprio gozo e tem prazer em observar. Para os autores o *flâneur* é acima de tudo um observador capaz de captar a alma das ruas.

Acredito que no lazer extra-doméstico, o indivíduo pode transformar-se em um *flâneur*, justamente por encontrar-se num estado mais tranqüilo e receptivo à contemplação. Afinal, conforme Benjamin (1975), o flunar é um hábito tranqüilo, daquele que anda observando e tem prazer em olhar. Segundo Marcellino (2002) a contemplação do espaço urbano pode constituir-se em um estímulo à sensibilidade e uma inegável possibilidade de lazer àqueles que se abrem às peculiaridades de sua paisagem.

Conforme o autor:

Os espaços preservados ou revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia de seus conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos. Além disto, preservando a identidade cultural dos locais [...]. (MARCELLINO, 2002. p.28).

É nesse contexto urbano que se insere o cinema Palace no calçadão da Rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora. Esse cinema ilustra bem o exposto, já que se localiza em um ponto de referência da cidade e é um espaço revitalizado que ajuda a diversificar a paisagem urbana e manter viva parte da identidade dos juizforanos. Por esses detalhes, pareceu-nos pertinente contextualizar o estudo proposto a partir de entrevistas realizadas com freqüentadores do Espaço Unibanco Palace, na cidade de Juiz de Fora.

A relevância do Palace na cidade se deve não apenas a possibilidade de lazer que oferece, mas também à sua história. O cinema, inaugurado inicialmente em 1948, foi revitalizado, e hoje é protegido legalmente pela prefeitura de Juiz de Fora, através da Declaração de Interesse Cultural. Após a revitalização, o cinema foi reativado, adotando o nome de Espaço Unibanco Palace, devido a intervenção da iniciativa privada que passou a administrá-lo. Nesse caso, o espaço recuperado, continuou a exercer sua função original de cinema. Através deste tipo de iniciativa, segundo Marcellino (2002), tem-se a oportunidade de manter a riqueza da paisagem urbana e de opções de lazer para população.

O fator localização foi muito mencionado durante as entrevistas. A maioria das pessoas alia sua escolha pelo Palace a esse aspecto. É possível notarmos isso na recorrência de expressões do tipo: “é perto da minha casa”, ou então, “é muito central, então facilita”. Essas repostas foram dadas pelos entrevistados quando questionados sobre o porque de sua escolha pela utilização do Palace. O seguinte depoimento expressa bem a relação entre o juizforano e o Palace:

Porque é um lugar central, é perto da minha casa. E o Palace fica na Rua Halfeld que é o coração de Juiz de Fora, todo mundo se encontra lá (estudante, 23 anos).

Através desta fala podemos notar não só a questão da acessibilidade, mas também a relevância que o Palace assume na cidade de Juiz de Fora como parte da sua identidade e como fator de interação para população local. Portanto, a localização do Palace é um aspecto que lhe atribui um diferencial diante dos demais cinemas da cidade. Isso ocorre porque o cinema localiza-se tanto numa área residencial quanto comercial. Esse fato facilita o acesso para os moradores e trabalhadores do centro da cidade, por ser um pólo catalisador.

Nos trechos citados é possível perceber traços de uma postura ativa, já que os entrevistados declararam escolher o Palace para suprir uma conveniência pessoal, que para eles é relevante: o fácil acesso ao local do cinema.

Assim, podemos perceber que a postura ativa começa com a seleção do cinema que será utilizado. As características de uma atitude seletiva, também se refletem no momento da escolha do filme. Quando indagados sobre seus critérios de escolha, grande parte dos entrevistados fez menção à crítica e a sugestões de amigos:

De princípio, você vê a propaganda, aí entusiasmo, depois você lê a crítica no jornal ou o comentário de alguém numa revista, conversa com alguém que já viu e que te fala que é bom ou ruim, aí você vai ou não (professora, 29 anos).

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

Este depoimento ilustra bem a atitude seletiva do espectador, postulada por Dumazedier (1976), que se utiliza de várias fontes de informação para tomar sua decisão.

Outro espectador apresenta um processo semelhante:

Primeiramente olho o tema, depois procuro ler sobre o tema e converso com as pessoas que já viram. (estudante, 23 anos)

Nestes dois depoimentos percebemos que ao receber informações sobre um filme, através das fontes comerciais, o espectador já começa seu processo de seleção. Se estas primeiras informações ativarem sua curiosidade, ele procura a legitimação dessas através de suas fontes pessoais. Este comportamento caracteriza uma busca ativa por informações.

Segundo Camargo (2002) no tempo de lazer os indivíduos esperam viver mais situações agradáveis do que o dia-a-dia lhes proporciona. A busca por situações agradáveis está nitidamente envolvida na busca por prazer, aspecto inicial do lazer. Afinado a esta lógica Gutierrez afirma que “não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer.” (GUTIERREZ, 2001. p.13). O autor aponta o prazer como forma imprescindível para se atingir a felicidade. Aliás, a felicidade é a constante busca do ser humano, em todas as esferas de sua vida. Isto é bastante perceptível nas observações de Freud *apud* Gutierrez, acerca dos seres humanos: “o que esperam da vida, que pretendem alcançar nela? É difícil errar a resposta: aspiram a felicidade [...]” (2001, p.16).

Como vimos os entrevistados demonstram o princípio de sua postura ativa através de uma atitude seletiva. Desta forma, tanto a escolha do filme quanto do cinema, são baseadas na voluntariedade de suas ações, de forma a atender à suas necessidades e preferências individuais e com isso potencializar as possibilidades de prazer, presentes na atividade selecionada.

Uma das respostas obtidas deixa bastante evidente a espontaneidade da opção pelo cinema como forma de lazer, na qual o indivíduo busca se desprender das obrigações ou de pressões sociais em sua escolha:

Por ter esta vida corrida, cheia de obrigações, você ali se dá aquele presente e se permite passar aquelas horas dedicadas a você (administradora de empresas, 26 anos).

A partir do exposto percebermos que no lazer, o ser humano busca a sua realização e satisfação pessoal, além de equilíbrio e qualidade de vida. Nas expressões como “se dá aquele presente”; “dedicadas a você”, visualizamos a possibilidade do indivíduo de contemplar a si mesmo no lazer. Assim, as pessoas usufruem benefícios que as funções do lazer podem exercer em suas vidas.

### **Diante da Sala Escura: Interfaces entre Sensibilidade e Razão**

A atitude sensível do espectador durante o filme, também merece destaque pois será esta que promoverá a função de descanso e divertimento do lazer abrindo espaço para a função de desenvolvimento da personalidade.

Quanto a isso, os entrevistados mostraram-se unânimes, todos percebem o cinema como uma forma de lazer, que proporciona descanso e divertimento. Sabemos que o descanso exerce a função regeneradora das forças físicas e psíquicas, e que a diversão leva a ruptura com as tensões e atividades cotidianas. Esses são dois elementos intimamente ligados no lazer, como verificamos na seguinte opinião:

Sem dúvida faz com que você se afaste dos problemas do dia-a-dia sim. Eu acho que nenhum ser humano consegue ficar o tempo todo remoendo ou mastigando seus problemas, você tem que dar vazão pra isso. E a gente depois do cinema tem

condições até de pensar diferente sobre os problemas que a gente tem que enfrentar (arquiteto, 30 anos).

Nessa fala é possível observar claramente aspectos de revigoração, trazidos através da diversão no cinema. É interessante notar como surgem expressões diferentes para indicar uma mesma sensação de descanso na percepção de diferentes entrevistados: “você sai mais refrescada”, “você descarrega e recarrega” ou “te deixa mais recauchutada”. Assim, percebemos que o lazer é realmente uma necessidade humana.

Para que o indivíduo possa se sentir relaxado, naquele momento deve entreter-se com o filme, e aproveitar a diversão que este pode lhe oferecer. Conforme um dos entrevistados o descanso ocorre:

Porque no momento que você se diverte, você se distenciona (estudante, 25 anos).

A necessidade de descanso é enfatizada pelas circunstâncias em que as pessoas vivem atualmente. Devido ao ritmo de vida que as obrigações lhes impõe, as pessoas recorrem cada vez mais a diversão, como forma de mudar sua rotina. Como nas seguintes falas dos entrevistados:

Eu me lembro uma vez, há uns dois anos, que eu cheguei do trabalho muito estressado e cansado e resolvi ir ao cinema assistir a um filme do Schwarzeneger. Foi impressionante, porque eu relaxei e consegui distrair minha cabeça. De fato o cinema serve até como analgésico! (advogado, 32 anos).

Porque ali a gente relaxa as tensões do dia-a-dia, de tantas coisas que a gente vive, nesse mundo tão conturbado, tão cheio de correria. Acho que o cinema é um lugar onde você pode relaxar e viver num outro mundo (arquiteto, 30 anos).

O outro mundo à que o entrevistado se refere, é a vida imaginária proporcionada pelo cinema, que promove a ruptura com o cotidiano, através de novas emoções e experiências.

Para tanto os espectadores precisam se deixar envolver pelas emoções apresentadas pelo filme. Com observa um entrevistado:

O empresário Severiano Ribeiro, um dos grandes empresários do cinema no Rio de Janeiro, tinha o seguinte slogan: O cinema é a maior diversão! Realmente é verdade, porque você sai do seu mundo cotidiano e entra em outra realidade. Quando você assiste à filme engraçado, como um da Disney, você morre de rir, desliga a sua realidade para viver aquela realidade que está sendo exibida para você (advogado, 32 anos).

Quando as pessoas se envolvem estão prontas para viver a aventura, a competição, a vertigem e a fantasia presentes na diversão (CAMARGO, 2002). Pude notar durante as entrevistas que, nestes próprios aspectos, as pessoas encontram elementos que as atraem para a atmosfera das emoções dos personagens. Com estes recursos o filme é capaz de prender a atenção dos espectadores, ou seja, entretê-los. Um dos entrevistados demonstra bem como a vertigem que o cinema lhe causa é capaz de atraí-lo:

É um mundo mágico! De frente para a telona, quando você vê, já viajou naquela magia (professora, 29 anos).

Quando questionados sobre suas emoções durante o filme, os entrevistados demonstraram-se bastante entretidos com o filme e entusiasmados em seus relatos. Como é possível observar nas seguintes declarações que nos traduzem as sensações de aventura, competição e fantasia respectivamente:

Você vai de alguns picos, fica tenso, depois relaxa, dá uma gargalhada. Acho que você experimenta um pouquinho de todo tipo de emoção num filme (professora, 29 anos). No momento que você está ali, passa a sofrer com o personagem, a torcer para que alguém se dê mal. Você se envolve muito e toma as dores do personagem (professora, 29 anos).

O cinema é uma fábrica de fantasia, é impressionante! Consegue prender a atenção e te envolver a tal ponto que você é capaz de vibrar pra valer! No cinema você está mergulhado na emoção do filme. É uma janela para o outro mundo! O cinema tem este poder de atração, esta energia (advogado, 32 anos).

Nesses relatos é possível observarmos a liberação dos mecanismos de projeção e identificação, que levam o espectador a atitude sensível diante do lazer no cinema. Esse momento de receptividade, frente às emoções e fantasias do cinema, caracteriza o “sonho acordado”, no qual o indivíduo é capaz de entreter-se e divertir-se. Vale destacar que por receptividade, entendemos o pensamento que corre sem amarras, como o demonstrado pelos entrevistados. Esses passam a seguir o fluxo de sensações e idéias apresentadas na tela. É interessante ressaltarmos a percepção de um dos entrevistados acerca de sua vivência no cinema:

Com certeza é uma forma de lazer e sempre alguma coisa a gente aprende (estudante, 25 anos).

Através deste relato verificamos que quando se mexe com a sensibilidade são abertos também caminhos para o conhecimento. Percebo que ativada a sensibilidade através da diversão, a atitude compreensiva pode começar a atuar. É pertinente recordarmos que esta conduta faz parte da postura ativa do espectador. Gosto muito do pensamento de Marcellino (2002) a respeito do momento no qual, depois de usufruir a prática do lazer, “é preciso reunir todas as suas possibilidades racionais e da sensibilidade para interpretar e recriar o ‘objeto’ de consumo.” (MARCELLINO, 2002. p.21).

Neste sentido notei que a recriação a que se refere Marcellino se dá com a apreciação crítica da obra tendo em vista a realidade. Como bem aponta um entrevistado a respeito de sua experiência no cinema:

Como é um meio de entretenimento, é também uma fuga, uma válvula de escape. O problema é que isso deve ser crítico, o que não significa que você entra e fica naquela “surrealidade” achando que tudo é a verdade (estudante, 23 anos).

Gostaria de esclarecer que o espectador crítico se transporta para o filme, vive e entende sua proposta, mas estabelece um jogo entre sensibilidade e razão que o leva a absorver ou repelir os conteúdos. Desta forma o espectador julga e se apropria do que lhe foi endereçado de maneira subjetiva. Esta conduta é confirmada na opinião de todos os entrevistados, como se verifica no seguinte trecho:

A gente não pode perder o real, você tem que ter o pé no chão, mas acho que a idéia de ver a realidade de outra forma, de fantasiar a realidade, eu acho interessante para viver, para compreender as coisas (economista, 41 anos).

Esse depoimento traduz claramente a característica do cinema, de através do olhar do cineasta, ver e representar o mundo. Essas representações estimulam as sensibilidades humanas e tornam-se capazes de despertar o raciocínio. Entendo que isso ocorre pela reflexão feita pelo próprio indivíduo a fim de entender as emoções que lhe foram despertadas (como riso, choro, compaixão, revolta etc), instaurando um processo de compreensão interna e externa.

Notei que quanto a isso os entrevistados mostram-se bastante cautelosos, sabendo bem a hora de embarcar e desembarcar da viagem promovida pelo filme. Portanto, conseguem fazer do lazer um aliado na construção de suas vidas, aproveitando seu tempo livre para descansar, divertir e desenvolver a si mesmos.

As verificações realizadas explicitam o cinema como parte do *homo ludens*, alguém que brinca. O filme proporciona ao espectador a possibilidade de viver outras experiências e sentir outras emoções, que, no entanto, não são suas, não são reais em sua vida. É como a criança quando brinca, e cria uma situação irreal, onde pode ser médica, astronauta, o que desejar. Aquela não é a sua realidade, porém lhe dá a possibilidade de exercitar seu lado lúdico, revigorar-se, gozar seu tempo livre, divertir-se, entreter-se, evadir-se de seu cotidiano,

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

sua realidade, ao mesmo tempo em que provoca seu autoconhecimento e desenvolvimento. Nas duas situações vemos que o imaginário humano é exercitado plenamente, requerendo um jogo entre a sensibilidade e a razão.

Considero que assim como a criança sadia tem a consciência de que a brincadeira é um faz-de-conta, uma simulação do real e não o real, o espectador que realmente aproveita seu lazer no cinema também terá este discernimento. Durante a brincadeira, a criança é capaz de sustentar ambas as identidades, a real e a imaginária, sem perder o prazer de brincar. O espectador que mantiver essa mesma postura diante do filme, também não perderá o prazer que caracteriza os momentos de lazer.

Dessa forma, percebemos que assim como a brincadeira, o cinema é uma forma de representação da realidade que ajuda a situar o indivíduo no contexto em que está inserido, além de proporcionar seu desenvolvimento pessoal e social.

Nesta mesma linha, Melo (2002) indica a animação cultural no cinema, como um processo de intervenção pedagógica, que trabalha com percepções e sensibilidades. Concilia-se muito bem a este raciocínio, o apresentado por De Masi “Educar significa enriquecer as coisas de significados, como dizia Dewey. Quanto mais educado você for, um número maior de significados as coisas suscitam em você e mais significados você dá às coisas.” (2000, p.327). Creio que este conceito estabelece uma clara interface com o sentido intencionado pelo filme, e o que a percepção de cada um lhe atribui como significado. Assim através do olhar do cineasta sobre a realidade, expresso em ato criativo através do filme, pode-se despertar novas percepções e olhares, promovendo a diversidade de opiniões e condutas individuais, que enriquecem o coletivo.

Nesta perspectiva:

O tempo de lazer, enquanto um tempo de fruição, torna-se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diversos dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado (DUMAZEDIER, 1976. p.265).

Através da postura ativa, toda informação, experiência e emoção apreendidas, podem tornar-se parâmetro, que enriquece e respalda o julgamento de novas apreensões. Assim percebe-se a ampliação e o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e da personalidade de cada ser humano.

Outro entrevistado compartilha dessa mesma opinião e ressalta a possibilidade crítica como parte do lazer no cinema:

Eu acho que esta é uma das principais características do cinema, tornar a pessoa mais crítica e levá-la a refletir sobre o assunto. Acho que isso é uma das grandes lições que a gente leva de cada filme (arquiteto, 30 anos).

Através desses depoimentos fica clara a ligação entre a sensibilidade e a razão, que produzirá o conhecimento, utilizando-se da prática lúdica presente no lazer. Vale destacarmos que para Debortoli, a ludicidade é uma possibilidade, “ou melhor dizendo uma capacidade de se brincar com a realidade, de inventar novos sentidos e significados.” (DEBORTOLI, 2002. p.81). Contudo, o processo de ressignificação do filme não ocorre de maneira linear. Este varia conforme a subjetividade de cada espectador.

Porém como bem atenta Campos (2002) é inegável o potencial dos bons filmes, que nos ajudam a exercitar a mente e o coração e com isso nos abrem possibilidades intelectuais. Essa possibilidade a que a autora se refere, provem da reflexão e dos questionamentos que os filmes incitam ao público. Na opinião dos entrevistados o tempo livre utilizado no cinema é sempre proveitoso, como é possível notarmos:

Sim, vale a pena passar o tempo no cinema. Você sai dali com questões para se questionar depois. Faz com que alcance uma coisa maior para você, acaba que não é tão momentâneo, você leva alguma coisa para sua vida. É muito enriquecedor (professora, 29 anos).

Assim, é possível notarmos o sentimento de satisfação causado pelo lazer. Esses aspectos são também ressaltados por outro entrevistado que enfatiza a importância e o valor do lazer para vida humana:

O momento de lazer é sempre vantajoso. Na vida, infelizmente, a gente às vezes não dá o devido valor ao lazer. É uma coisa que a gente negligência de forma muito ignorante (advogado, 32 anos).

### **A Produção Social e Cultural do Cinema na Vida de seus Freqüentadores**

Camargo observa que, “O lazer é um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos” (1992, p.71). Este pensamento pode ser verificado, no que se refere ao cinema como forma de lazer, no seguinte relato:

É muito legal quando você assiste um filme e tira dele alguma coisa, uma lição para sua vida do que é bom ou ruim. As vezes o filme faz você refletir muito, sobre a sua vida, sobre as suas decisões do dia-a-dia, se é certo ou errado (professora, 29 anos).

Gosto muito da consideração de Campos para quem “Ao nos sensibilizar o cinema nos transforma como pessoas” (2002, p.3). Nesse sentido é importante esclarecermos que o filme é uma forma de significação do mundo, já que é uma maneira de vê-lo e representá-lo. Esse significado pode ser partilhado, dialogado, discordado ou reformulado, de acordo com a intenção de cada filme e com a percepção de cada espectador. Por ser uma forma de expressão, verificou-se que o cinema provocará a assimilação ou construção de novas idéias e conhecimentos. Logo, mantêm a dinâmica cultural dentro da sociedade. Isso ocorre graças à interação entre o filme e o espectador ativo.

Sendo assim, para que o lazer no cinema seja proveitoso, o espectador não deve submeter-se aos conteúdos do filme de forma acrítica. Existe uma situação real - o indivíduo - e uma situação simulada - o filme -, o diálogo entre estas levará a novas maneiras de pensar perceber a si próprio e ao mundo, de agir e interagir. Assim, percebe-se que o lazer pode ser uma forma de expressão e aperfeiçoamento humano, tanto do criador quanto do espectador do filme.

De acordo com Dumazedier (1976), tanto a inteligência quanto a sensibilidade, são suscetíveis de aperfeiçoamento e requinte. A colocação de Dumazedier ilumina ainda mais nossa compreensão da fala de Campos acerca do trio coração, mente e visão que “segue sua jornada de filme a filme, num processo de capacitação emocional e de observações intelectuais, abertos a qualquer ser humano que se disponha a conhecer o cinema cada vez mais intimamente” (CAMPOS, 2001. p. 2).

Dessa forma, percebemos que o hábito de ir ao cinema pode se tornar uma prática de lazer cada vez mais proveitosa. Segundo Dumazedier (1976) esse costume poderá ser uma “oportunidade de melhorar o gosto, estimular a compreensão, o espírito crítico, o conhecimento e a ação cultural e social” (1976, p.265).

Como vimos à frequência ao cinema pode tornar-se uma prática cada vez mais frutífera de lazer. A maior parte dos entrevistados afirmou recorrer ao cinema, com frequência igual ou superior a uma vez por mês. Vale destacarmos a seguinte opinião:

É a minha principal forma de lazer atualmente. Porque é relativamente barato e tem sempre uma novidade, um filme diferente passando, você faz coisas que de fato você ainda não fez. E experimenta outro tipo de perspectiva com outros filmes (professora, 29 anos).

A partir do exposto pelo entrevistado, é possível destacarmos alguns pontos. O relato aborda, tanto a satisfação de uma conveniência financeira, quanto de uma necessidade íntima de experimentar o mundo de formas diferentes e a partir daí redescobri-lo. Outro aspecto visível é a caminhada do espectador de filme a filme, onde se aprende a distinguir as diferentes propostas de cada filme, além de enriquecer e ampliar o seu olhar sobre o próximo lançamento. É pertinente lembrarmos que:

A repetitividade do que se gosta de fazer não diminui o prazer, não cansa e nem obriga. Quem tem a liberdade de fazer o que gosta é sempre livre para repetir o que lhe agrada, e por acostumar-se às repetições do que gosta de fazer, aperfeiçoa-se sempre mais nas qualidades do que realiza (ANDRADE, 2001. p.114).

Kotler também nos ajuda a compreender a postura apresentada pelo entrevistado. O autor observa que “a aprendizagem, envolve mudanças no comportamento de uma pessoa, surgidas da experiência.” (KOTLER, 2000, p.196). Neste mesmo sentido Melo (2002) ressalta que o hábito de ver filmes leva as pessoas a treinarem o seu olhar. Assim, passam a desenvolver seu gosto, a fazer escolhas mais de acordo com suas preferências e a aproveitar cada vez mais as possibilidades presentes em cada filme.

Durante as entrevistas ficou claro que o ato de ir ao cinema não se caracteriza apenas por assistir filmes, mas constitui-se num ritual. Quando indagadas sobre qual a diferença entre assistir um filme em casa ou no cinema, percebi que esse aspecto foi bastante ressaltado. Todas as pessoas atribuíram ao cinema à possibilidade de passeio, de convívio social e de utilização de tecnologias, das quais não dispõem em seus lares. Os entrevistados declararam que no ambiente do cinema, conseguem ter um nível maior de interação com o filme:

Não tem nem comparação! No cinema você tem ali aquele clima todo, você se apronta e vai para um lugar onde você encontrar com outras pessoas, é diferente. O cinema

tem uma coisa diferente, o som, a tela é muito diferente, te envolve muito mais do que sentar em casa e assistir a uma televisão, um DVD (professora, 29 anos).

Com pensamento semelhante ao dos entrevistados Melo apresenta algumas das principais diferenças entre assistir um filme em casa ou no cinema, como as imagens reduzidas que se tem no ambiente doméstico, os comerciais existentes na televisão e o ambiente disperso do lar. Segundo o autor, “nada substitui o ritual de ir ao cinema, entrar na sala escura e vivenciar coletivamente as emoções de um filme.” (MELO, 2002. p.4).

É interessante salientarmos o estado de espírito à que as pessoas se predispõem quando estão no cinema. Esse ânimo remete-se ao lúdico, enquanto estado de espírito que leva a pessoa a divertir-se (PIMENTEL, 2003). Essa empolgação pode ser sentida no depoimento que se segue:

Nada, do meu ponto de vista, supera o prazer de estar dentro do cinema, comendo uma pipoca, tomando um refrigerante, sentindo aquele cheirinho de cinema, aquela musiquinha, aquele friozinho do ar condicionado. É um prazer muito maior porque vamos dizer assim, entre aspas, “você está em outra dimensão do seu cotidiano”. Então o cinema tem isso de especial. No DVD, vídeo ou televisão você está na terceira pessoa, no cinema você está na primeira, é interessante (advogado, 32 anos).

Devemos destacar ainda, a opinião de mais um entrevistado, que além dos aspectos já referidos, enfatiza de forma mais explícita as possibilidades do *flâneur*, típicas do lazer fora de casa.

A característica principal do DVD, do vídeo ou da televisão é você está em casa. No cinema você sai de casa, para fazer uma coisa que você poderia fazer em casa, mas com outra perspectiva. Você vai com alguém ou mesmo que você queira ir sozinho, o ambiente é outro, encontra outras pessoas. No caminho para lá você pode encontrar muitas coisas, no caminho de volta também, e a própria tela é maior (arquiteto, 30 anos).

Assim, verificamos que as possibilidades lúdicas do lazer no cinema não se encerram apenas na fantasia do filme. De acordo com Camargo (1992), o espaço lúdico pode ser vivido também na forma como as pessoas se vestem, ou na maquiagem que fazem. Para o autor, os momentos de convívio social, de ver e de ser visto, são ocasiões de exercício pleno do imaginário. Como bem apontado pelos entrevistados, este convívio ocorre na medida em que lhes parece conveniente.

Como percebemos na fala do seguinte entrevistado quando indagado sobre sua preferência pelo cinema:

Eu acho que primeiro é o impacto, a cena parece que por estar alta, por estar grande, o impacto é mais real, você participa mais das ações. E também por conviver com pessoas. Eu acho que você acaba convivendo e não se envolvendo ao mesmo tempo (economista, 41 anos).

Conforme Iwanowicz (1997), a liberdade de escolha no lazer reflete-se também na escolha da forma de relação com os outros. Assim, podemos delinear duas formas bastante evidentes nas opiniões dos entrevistados. A primeira seria através da escolha da companhia de familiares ou amigos. Nesse caso, busca-se solidificar a relação com os grupos a que se pertence. A segunda forma pode ser evidenciada pelo ambiente social representado pelo cinema. Nesse as pessoas vivem, coletivamente, aquele momento sem, no entanto, estabelecerem vínculos afetivos.

### **Atuação Profissional e Satisfação Pessoal no Lazer: Interações com o Cinema**

No momento em que o indivíduo vivencia o lazer no cinema estão em foco dois tipos de relações. A primeira delas, já tratada na seção anterior, é visível na convivência entre os

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

próprios usuários do serviço. A outra forma refere-se a relação dos consumidores com os prestadores do serviço, seria a “hora da verdade”, isto é, a hora em que o serviço realmente se mostrará satisfatório ou não para os envolvidos. Para que o momento de lazer no cinema possa transcorrer a contento, os profissionais envolvidos devem primar pela qualidade de sua oferta. Na opinião dos frequentadores do Palace, o principal motivo que poderia lhes causar insatisfação, refere-se a confiança que depositam na empresa prestadora de serviços.

Nesse caso, a situação mais mencionada foi com relação à projeção do filme. Ora, a principal oferta a que o cinema se compromete, é a de exibir os filmes, a sua função é essa. Caso esse produto falhe, o consumidor ficará decepcionado com a qualidade do serviço que utilizou, já que suas expectativas não foram correspondidas. A seguinte resposta demonstra uma opinião comum entre os entrevistados sobre o que poderia tornar esta atividade frustrante:

Tem uma coisa que já aconteceu comigo, de repente estar vendo um filme e o filme parar, deu um problema na transmissão e todo mundo ficou esperando, e o pessoal assobiou e ficamos quase quinze minutos esperando. Isso é uma coisa que poderia acontecer e que para mim seria desagradável (arquiteto, 30 anos).

A falta de qualidade no atendimento, sem dúvida também se constitui num forte fator de frustração para os consumidores. Para um dos entrevistados o que lhe desagradaria seria:

A fila muito grande é ruim ou quando começa a dar tumulto, aquilo incomoda e isso é responsabilidade do cinema. Foi legal uma vez que eu pedi para o segurança me ajudar a por ordem na fila, porque tinha um pessoal muito baderneiro atrás de mim, e ele me ajudou, foi muito legal (economista, 41 anos).

Na situação citada acima o consumidor deparou-se com uma circunstância incomoda que foi sanada pela qualidade do atendimento, com isso atingiu o nível esperado de resposta que desejava naquele momento. O funcionário quando abordado soube agir corretamente,

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

com gentileza, tranqüilidade e atenção à reclamação que estava sendo feita. A capacidade de ação do funcionário ajudou a garantir a qualidade do serviço desde sua fase inicial e preservar o bem-estar do indivíduo até o fim da atividade. Assim evidenciou-se a importância da empresa contar com uma ação bem esquematizada e uma equipe de profissionais aptos a agir diante de possíveis eventualidades e recepcionar as pessoas de maneira agradável.

Devemos ressaltar que na vivência do lazer, a expectativa por momentos felizes fica ainda mais latente. Com isso o emocional das pessoas fica mais vulnerável. A felicidade e a procura por qualidade de vida são, de acordo com De Masi, aspectos emergentes na sociedade contemporânea: “todos querem viver mais e melhor.” (2000, p.106). Para Pimentel (2003) qualidade de vida é bem-estar pleno, ou seja, equilíbrio de todos os elementos da vida. Sendo o lazer parte da vida dos indivíduos, é também um dos responsáveis pela qualidade de suas vidas, ainda que não aja isoladamente.

Por respeito a estes aspectos é que os prestadores de serviço devem estar atentos em sua atuação. A responsabilidade na ação, aliada a capacidade profissional, conduzirá a qualidade da oferta e conseqüentemente à percepção de satisfação do consumidor, que será contemplado com um serviço condizente com seus anseios. Como nos lembra um entrevistado:

Você está em um momento de lazer. É fundamental que a equipe esteja altamente preparada para lidar com o público (advogado, 32 anos).

O processo de organização e prestação de um serviço de lazer, não pode ser algo mecânico ou impessoal, nem tampouco tomar a dimensão de produção em série. É preciso haver a consciência de que esta produção terá como consumidor um ser humano, que deposita nos momentos de lazer muita expectativa de bem-estar. Pimentel é enfático quanto aos

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

serviços de lazer: “eles devem atender aos interesses daqueles a serem beneficiados.” (2003, p.63). Na dinâmica que se estabelece entre o consumo e a prestação do serviço, o caráter humano deve sobressair ao valor do capital.

De Masi alerta: “uma sociedade baseada nos serviços precisa de mais garantia e confiabilidade do que uma baseada nos produtos materiais. Tem maior necessidade de ética: profissional e civil.” (2000, p.284). A partir deste trecho percebemos que deve haver responsabilidade e compromisso, do profissional para com seu consumidor –serviço eficiente e satisfatório- e do ser humano para com o ser humano. O pensamento de Andrade (2001), também resguarda estes aspectos. Para o autor, a questão é tão ética quanto técnica, ou seja, refere-se tanto ao compromisso pessoal do prestador de serviço, quanto a sua capacidade de operação. Melo (2002), seguindo esta mesma linha já exposta, opõe-se ao que denomina de atuação trefista, e valoriza a atuação profissional pautada no conhecimento do contexto em que se pretende intervir.

Tornou-se bastante evidente que a oferta de qualidade é aquela que condiz com os anseios dos consumidores. Foi possível observarmos que os clientes esperam dos serviços de lazer não apenas sua capacidade operacional, mas também o comprometimento pessoal dos que atuam na sua prestação. Verificamos que a oferta de qualidade, aliada a postura ativa do espectador, é capaz de conduzi-lo ao exercício satisfatório do lazer.

De acordo com Kotler (2000) é possível estabelecer uma relação entre as ações exercidas pelo prestador e o desempenho do serviço, e as ações desejadas e as expectativas do consumidor. A partir da relação entre desempenho e expectativa pode-se delinear alguns traços da satisfação e da percepção desta pelos consumidores. Andrade afirma que “a rigor, o lazer se perfaz exclusivamente quando os indivíduos se satisfazem [...]” (2001, p.77).

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

Portanto, a atividade de lazer, para que possa assim ser concebida, deve estar acompanhada da satisfação pessoal.

A satisfação, “consiste na sensação de prazer ou desapontamento resultante da comparação do desempenho (ou resultado) percebido de um produto em relação às expectativas do comprador.” (KOTLER, 1999. p.58). Este conceito deixa bastante evidente a relação entre o desempenho e as expectativas. Complementando está idéia: “Se o desempenho faz jus às expectativas, o comprador fica satisfeito.” (KOTLER, 1999. p.6).

É consenso entre os diversos autores, que a qualidade não é perfeitamente mensurável. Além dos fatores externos, dependerá também da subjetividade e cada um. Kotler (1999), ilustra bem isto ao afirmar que na definição de percepção a palavra –chave é: indivíduo.

A situação da prestação de serviços, principalmente no que concerne ao lazer, é muito bem visualizada por Andrade (2001) “[...] para funcionarem a contento, supõem objetividade e subjetividade, no planejamento e no dinamismo” (2001, p.43). Proponho que pensemos no trecho de Andrade da seguinte forma: para que a satisfação seja percebida, é preciso haver qualidade objetiva, de acordo com os aspectos já mencionados anteriormente (projeção eficiente, funcionários atenciosos, limpeza do lugar, etc), sabendo que estes estarão à mercê da subjetividade de cada usuário. Portanto, esta dinâmica requer zelo e flexibilidade na produção do serviço em relação ao seu público.

Todos os envolvidos no processo de prestação de serviço devem estar integrados, para que os objetivos sejam alcançados. Esta concepção presente na obra de Kotler (1999), é ratificada por Pimentel (2003):

O trabalho de quem atua no setor de prestação de serviços não está equilibrado sem uma boa relação com a equipe de trabalho e desta com os contratantes, clientes, fornecedores, concorrentes [...] é necessário montar uma equipe afinada com a proposta [...] (PIMENTEL, 2003. p.51).

Só com o comprometimento de cada pessoa envolvida no planejamento e na execução do serviço, é que se caminhará rumo à qualidade, em cada fase do processo, e a satisfação do usuário. Logo, a responsabilidade por um bom serviço, é de todos os membros da equipe que trabalham para que este aconteça.

Pude notar que um serviço satisfatório nasce de uma relação de reciprocidade entre o usuário e o fornecedor. Logo, não só a qualidade do serviço, mas também a postura do consumidor, definirão o sucesso desta interação. Com bem observado por Pimentel (2003) o cliente tem que ser parceiro.

### **Considerações Finais**

No decorrer do estudo foi possível notar que as pessoas percebem o cinema como uma forma privilegiada de lazer fora de casa, que lhes permite cultivar em seu íntimo um universo rico de novos olhares sobre si e sobre os outros. Durante as entrevistas tornaram-se visíveis essas novas percepções, através do ambiente social do cinema e das vidas fictícias demonstradas no filme. O elemento central nessa dinâmica é o ser humano, que a vivencia e apreende novas considerações sobre a vida humana. Isso ocorre através do outro, observado na tela ou no convívio social.

Assim averiguamos que o cinema é capaz de inspirar nas pessoas características lúdicas e potencializar as funções do lazer. Em todos os depoimentos foi possível percebermos que o lazer no cinema constitui-se em um momento especial na vida das pessoas. Nesse momento, os indivíduos podem encontrar uma fonte para manter seu equilíbrio e qualidade de vida, devidamente conjugado com as demais esferas de sua existência. Sendo assim, poderão

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

obter a realização e satisfação pessoal no lazer vivido no cinema. Os seguintes comentários nos indicam isso:

É interessante como o meu humor muda, é impressionante! Eu acho que o cinema permite essa fuga de esquecer os problemas, você sai aliviado, digamos assim (estudante, 23 anos).

É um verdadeiro combustível, você passa a semana com novas perspectivas, pensando em outras coisas que não tinha pensado antes, elas tomam nova luz, novos critérios para gente poder andar para frente (arquiteto, 30 anos).

Com as entrevistas realizadas, buscou-se conhecer um pouco mais sobre a percepção das pessoas acerca do cinema como forma de lazer. Logicamente, ainda existem muitas coisas a serem desvendadas. “Afinal, na vida humana, ninguém conhece as verdadeiras razões das mentes e qualificações dos sentimentos guardados nos corações alheios.” (ANDRADE, 2001. p.137). A partir da observação de Andrade percebe-se que a totalidade de sentimentos e percepções dos indivíduos, acerca do lazer no cinema não pode ser expressa apenas em um breve momento de entrevista. Sendo assim, muitos estudos ainda devem ser feitos. O ser humano, exatamente por sua subjetividade não comporta mensurações exatas. Contudo, como foi visto, todos os seres humanos são dotados de capacidade de sentir, de se sensibilizar com as emoções do cinema, o que lhes confere algo em comum, ao mesmo tempo que os diferencia na construção de suas próprias percepções.

### **Referências**

ANDRADE, José Vicente de. *Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CAMARGO, Luiz O. Lima. *O que é lazer*. 3d. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

\_\_\_\_\_. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 2002.

\_\_\_\_\_. Sociologia do Lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). *Turismo como aprender como ensinar*. São Paulo: Senac, 2001.

CAMPOS, Theresa Catharina de Goés. O cinema em nossa vida *Agência Brasileira de Notícias*, ABN, 2001. [online]. Disponível em: < <http://www.abn.com.br/cineartigos> >. Acesso em: 11 jan., 2004.

\_\_\_\_\_. Cinema ver...para sentir, pensar e ser. *Agência Brasileira de Notícias*, 2002. [online]. Disponível em:< <http://www.abn.com.br/cieneartigos> >. Acesso em: 11 jan., 2004.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO et al. *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: sextante, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: perspectiva, 1976.

ESPAÇO UNIBANCO PALACE. [online]. Disponível em <<http://www.unibancopalace.com.br>>. Acesso em: 10 de março de 2004.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. São Paulo: Autores Associados, 2001.

IWANOWICZ, J. Bárbara. Aspectos psicológicos do lazer. In: BRUHNS, Heloísa (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Edunicamp, 1997. p. 83-99.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3 ed. Campinas: Autores associados, 2002.

\_\_\_\_\_. *Lazer e humanização*. São Paulo: Ed. Papirus, 2003.

MELO, Victor de Andrade. O cinema como forma de lazer na cidade do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, CEFET/RN, Natal, 2001. [online]. Disponível em< <http://www.eefd.ufrj.br/producoes>>Acesso em: 11 jan., 2004.

Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007

\_\_\_\_\_. Análise da produção cinematográfica, o lazer e a animação cultural. In: SENINÁRIO LAZER EM DEBATE CELAR/EEFFITO/UFMG, Belo Horizonte, 2002. [online]. Disponível em:< <http://www.eefd.ufrj.br/producoes>>. Acesso em: 14 jan., 2004.

\_\_\_\_\_. Educação estética e animação cultural: Reflexões. *Licere*, Belo Horizonte, ano 4, n.1, 2002. [online]. Disponível em :<<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes>>. Acesso em: 14 jan., 2004.

PIMENTEL, Guiliano. *Lazer: Fundamentos, estratégias e atuação profissional*. São Paulo: Fountoura, 2003.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Coleção biblioteca carioca, 1995.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. *Princípios de Marketing*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.

KOTLER, Philip. *Administração de Marketing: Análise, planejamento, implementação e controle*. São Paulo: Atlas, 2000.

**Endereço da Autora:**

Débora de Paula Falco.

Rua Santa Rita 449/302 – Centro

Cep: 36010-071 – Juiz de Fora – Minas Gerais

Endereço eletrônico: [deborafalco@terra.com.br](mailto:deborafalco@terra.com.br)